

DICIONÁRIO DE HISTÓRIA EMPRESARIAL PORTUGUESA

Séculos XIX e XX

VOLUME II
SEGURADORAS

COORDENAÇÃO
Miguel Figueira de Faria
José Amado Mendes


UNIVERSIDADE
AUTÓNOMA
DE LISBOA


IMPRESA NACIONAL CASA DA MOEDA

Companhia de Seguros Ourique (1947-1979)	Nuno Guilherme Cruz	143
Companhia de Seguros Permanente (RJ) (1814-183?)	Pedro Freire	149
Companhia de Seguros Previdência (1879-1928)	Artur Barracosa Mendonça	151
Companhia de Seguros Probidade (1817-182?)	Pedro Freire	152
Companhia de Seguros Prosperidade (1908-1924)	Marta Guilherme Cruz	153
Companhia de Seguros Providente (1814-183?)	Pedro Freire	155
Companhia de Seguros Rectidão (1812-1817)	Pedro Freire	158
Companhia de Seguros Restauração (1817-?)	Ana Margarida Cruz	159
Companhia de Seguros Restauradora (RJ) (1820-183?)	Pedro Freire	161
Companhia de Seguros Segurança (1835-1925)	Pedro Freire	162
Companhia de Seguros Tagus (1877-1979)	Pedro Freire	166
Companhia de Seguros Tranquilidade (1871-)	Ana Margarida Cruz	171
Companhia de Seguros Tranquilidade (RJ) (1818-182?)	Pedro Freire	175
Companhia de Seguros Tranquilidade Recíproca (1797-1807?)	Pedro Freire	177
Companhia de Seguros Urbana Portuguesa (1888-1924)		
	Artur Barracosa Mendonça	177
Companhia Geral de Seguros Minerva (1917-1924)	Duarte Manuel Freitas	179
Companhia Geral Resseguradora (1942-1969)	Nuno Guilherme Cruz	181
Companhia Permanente de Seguros de Lisboa (1791-1798?)	Pedro Freire	186
Companhia Segurança Provinciana (1853-188?)	Pedro Freire	187
Companhia Universal de Seguros e Resseguros (1952-1976)		
	Nuno Guilherme Cruz	188
Confiança (1929-1978)	Nuno Guilherme Cruz	193
Conselho de Seguros (1907-1929)	Otília Guerreiro	199
Continental de Resseguros (1941-1979)	Nuno Guilherme Cruz	204
Equidade — Companhia Portuguesa de Resseguros (1942-1979)		
	Marta Guilherme Cruz	209
Europa (A), Companhia de Seguros (1917-1926)		
	Hélder Adegar Fonseca e Paulo Eduardo Guimarães	215
Fomento Agrícola — Companhia Internacional de Seguros (1895-1923)		
	Marta Guilherme Cruz e Nuno Guilherme Cruz	216
Garantia Funchalense (1906-1980)	Duarte Manuel Freitas	222
Grémio dos Seguradores (1934-1975)	Otília Guerreiro	227
Inspeção de Seguros (1929-1982)	Nuno Guilherme Cruz	232
Instituto de Seguros de Portugal (1982-)	Nuno Guilherme Cruz	238
Instituto Nacional de Seguros (1976-1982)	Nuno Guilherme Cruz	244
Lloyd Português, Companhia de Resseguros (1902-1926)	Ana Margarida Cruz	249
Lusitana (A), Companhia Portuguesa de Seguros (1907-1929)	Clarisse Mendes	251
Moagem (A), Sociedade Mútua de Seguros (1914-1943)/		
	Companhia de Seguros Soberana (1943-1979) Clarisse Mendes	255
Mundial (A), Companhia de Seguros (1913-1978)	Clarisse Mendes	262

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Anuário do Grémio dos Seguradores, Lisboa, [s. n.], 1950-1973; *Boletim de Seguros*, 2.^a série, 1943-1980; REIS, Artur, *Seguradoras Nacionais*, Lisboa, Fidelidade Seguros, 2000; Arquivo Histórico do Instituto de Seguros de Portugal: Fundo da Inspeção-Geral de Seguros,

organização e funcionamento da atividade seguradora, constituição da Companhia Portuguesa de Resseguros Equidade, 1942-1978.

MGC

EUROPA (A), COMPANHIA DE SEGUROS (1917-1926)

Fundada em 1917, com sede em Lisboa, esta Companhia apostou nos seguros marítimos e nos seguros contra assaltos e tumultos, dois ramos que, por interessarem diretamente ao comércio e à indústria, pareciam promissores no contexto da guerra e da instabilidade política e social existente desde a implantação do regime republicano. Logo nos dois primeiros anos de atividade, a empresa foi abalada com a intensificação da guerra submarina movida pelos alemães no Atlântico Norte e, principalmente, acusou grandes prejuízos com os acontecimentos ocorridos na capital no início de dezembro daquele ano. Se é verdade que outras companhias seguradoras tiveram igualmente elevados prejuízos pelos mesmos motivos, neste caso faltaram recursos próprios acumulados, experiência de gestão e escala. A administração, que não contava mais do que 10% dos 600 contos do capital subscrito, teve dificuldades em cumprir com os compromissos assumidos, pagando até finais de 1919 217 contos de indemnizações (dos quais 139 eram relativos a seguros «Terrestres», 76 «Marítimos» e 1,8 «Agrícolas»). No início de 1921, A Europa, em resultado do agravamento exponencial dos custos de operação e da estagnação das receitas num contexto marcado pela forte inflação, tinha acumulado 118 contos de prejuízos. Os resultados alcançados afetaram

o seu crédito público, numa altura em que a concorrência se fazia sentir fortemente e o mercado não mostrava sinais de expansão. Ao longo da vida da empresa, a clientela (dos seguros diretos) concentrava-se em Lisboa (67%, valores de 1919), sendo constituída sobretudo por comerciantes e industriais, enquanto o Porto representava apenas 2% e o resto do País, onde o seguro agrícola tinha algum significado, 31%. A maior parte dos seguros efetuados (65%, de acordo com o número de apólices realizadas em 1918) dizia respeito a riscos cobertos sobre prédios urbanos, fábricas, estabelecimentos comerciais e automóveis. Apesar de a Companhia ter entrado para o consórcio de companhias seguradoras para os seguros agrícolas em 1918, este tipo de seguros não representou mais do que 3% do total das apólices emitidas nesse ano. As restantes apólices (32%) respeitavam quase exclusivamente ao transporte marítimo (casco ou carga), pois os seguros de «Quebra de cristais» e «Postal» eram residuais. Os resultados desastrosos tiveram como consequência alterações sucessivas nos corpos diretivos entre 1918 e 1919. A estabilização deu-se apenas a partir de 1920, período em que a Companhia procurou consolidar-se, apresentando magros resultados positivos. Desde o início que a estratégia dos conselhos de administração passou por aliciar